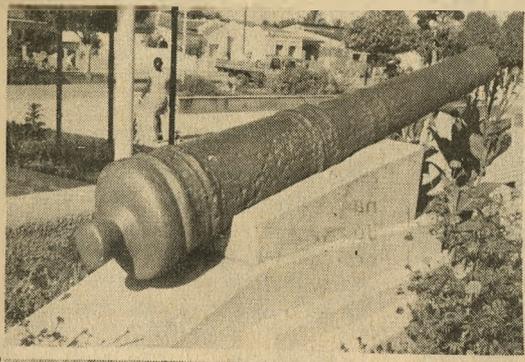


# Conhecendo a (belíssima) Ilha do Flamengo



DOCUMENTAÇÃO



O canhão da casa-forte holandesa ainda existe e as pedras da muralha são mantidas.

Joan Nieuhof, um dos cronistas do período holandês no Brasil, assim descreveu a Lagoa de Guarairas: "No lago de Groaíras, há uma quantidade incrível de peixes e a região produz farinha em grande escala. Daí vieram os fartos abastecimentos de carne e peixe para as nossas guarnições da Paraíba e outras partes, durante a rebelião dos Portugueses".

Na Lagoa de Guarairas existe uma ilha, denominada de Ilha do Flamengo, a pequena distância da cidade de Arês. Pelo que consta, os holandeses teriam construído um istmo ligando a referida ilha à terra firme. No rigoroso inverno de 1924, as águas da lagoa subiram muito o seu nível, destruindo aquela antiga passagem artificial.

Porém, o que existe de certo, é que aqueles flamengos edificaram uma casa-forte na parte mais elevada da ilha. FREI RAFAEL DE JESUS deixou um relato, descrevendo um ataque sofrido pela casa-forte, por parte das tropas lusobrasileiras, a cuja frente se encontrava Henrique Dias, o governador dos Pretos:

"Avistou um sítio, que chamam as Guaralras, onde o inimigo sustentava uma casa forte, no centro duma lagoa larga e funda, dentro da qual, como em ilha, se alojavam todos os índios e escravos que o holandês ocupava nas roças e lavou- ras daquele terreno, e se recolhiam os frutos e os roubos de que se sustentavam, guardados e defendidos de quarenta holandeses, que com outros soldados índios guarne- ciam a fortificação: constava esta da casa forte cerca de duas trinchei- ras bem obradas".

"Depois de exortar seus solda- dos com palavras de confiança e rosto sossegado, disse-lhes o cami-

nho e o modo como haviam de avan- çar a ganhar a fortificação; e não lhes interpondo dúvidas entre o investir e vencer, os meteu no assal- to. Lançaram-se à água e com ela pela cinta acometeram à escala. Defenderam-se os holandeses com ardor favorecidos da vantagem do sítio; mas não impediram que os nossos tomassem terra, e ganhassem a primeira trincheira. Entre esta e a segunda se travou renhido comba- te; mas o furor dos nossos levou o inimigo de vencida, e bem depressa caiu a segunda trincheira em suas mãos.

"O cabo holandês, vendo per- dida toda a esperança, meteu-se com cinco companheiros numa can- oia, furtada aos olhos dos seus para salvar as vidas. Escalaram os nossos a casa forte, com tibia resistência, e levaram tudo a ponta da espada não perdoando o sexo nem a idade. Durou o conflito des da prima da noite até pela manhã: e foi com a claridade do dia que se pôde conhe- cer o estrago. Morreram nesta oca- sião todos quantos holandeses, índios e negros havia na fortificação, exceto os cinco que fugiram".

"Dos nossos perderam a vida três soldados e ficaram muitos feridos. Gastou-se o dia, que foi 6 de janeiro de 1648, em recolher os despojos, curar os feridos, en- terrar os mortos e tomar refeição do trabalho entre as congratula- ções da vitória".

Um outro combate ocorreu na Ilha do Flamengo, pelo mês de julho de 1651. João Barbosa Pinto, que saíra do Arraial do Bom Jesus à frente de 300 soldados, a 16 de julho, atacou aquele reduto onde novamente se haviam refugiado os flamengos. Depois de um combate inútil, os holandeses capitularam, tendo Barbosa Pinto regressado

a Pernambuco conduzindo 83 prisioneiros, entre flamengos, índios e negros, além de numeroso gado.

João da Maia da Gama, em seu "Diário da Viagem" de 1728, ainda fazia referência à Ilha do Fla- mengo: "... grande lagoa chamada das Guareiras dentro da qual a lagoa e no meio dela tem um alto aonde os holandeses tiveram uma casa forte que em lanchas navega- vam por este rio acima ...".

Estivemos em visita à Ilha do Flamengo, que fica próxima à loca- lidade de Patané, no município de Arês. A viagem da margem da lagoa à ilha, foi feita em canoa. Desembarcados, dirigimo-nos à parte mais elevada da ilha, onde foi erigido um cruzeiro. Vêem-se ali os restos da antiga construção holandesa, representados por muitas pedras, outrora pertencentes às trincheiras e muralhas da casa-forte.

Tais pedras parecem ter sido retiradas de um depósito natural, de pedras quase negras, existente na própria ilha. Do local, descortina-se um panorama encantador, oferecido pela vastidão das águas da lagoa.

Na cidade de Arês, na praça da Matriz ainda existe um velho canhão de ferro, remanescente da artilharia outrora pertencente àquela casa-forte flamenga. A ilha já sofreu a investida dos "caçadores de tesouros ocultos", que deixaram profundas cicatrizes na superfície da mesma. Inclusive, um de tais buracos ali cavados mede, talvez, uns dez metros de profundidade! Correm versões de que alguns indivíduos mais afortunados teriam encontrado ouro, escondido pelos flamengos à época em que se fixa- ram naquela ilha ...

Olavo de Medeiros Filho